

2

2002

CONTEXTOS
DE SOCIOLOGIA

100
TÍTULOS
DE SOCIOLOGIA



| | | |
|---------------|---|----|
| 2 | 2001 | |
| Índice | Nota de Abertura | |
| | Carlos Fortuna | 2 |
| | 100 TÍTULOS DE SOCIOLOGIA: | |
| | 1 | |
| | Análise de Classes | 3 |
| | Elísio Estanque – José Manuel Mendes | 7 |
| | 2 | |
| | Ciência | 5 |
| | Helena Jerónimo – Hugo Mendes | |
| | 3 | |
| | Corpo na Sociologia | 7 |
| | Vítor Sérgio Ferreira | |
| | 4 | |
| | Desporto | 10 |
| | Salomé Marivoet | |
| | 5 | |
| | Família | 12 |
| | Maria das Dores Guerreiro – Piedade Lalanda | |
| | 6 | |
| | Produção de Cultura | 15 |
| | Paula Abreu – Claudino Ferreira | |
| | 7 | |
| | Religião | 18 |
| | Helena Vilaça | |
| | 8 | |
| | Sindicalismo | 20 |
| | Hermes Costa | |
| | 9 | |
| | Sociologia e Património | 22 |
| | Paulo Peixoto | |
| | 10 | |
| | Sociologia Urbana | 25 |
| | Luís Batista | |
| | Índice Onomástico | 27 |

Nota de Abertura

Este número dos *Com/n/textos de Sociologia* apresenta-nos uma centena de obras sociológicas comentadas. A selecção dos títulos, repartidos por dez áreas temáticas da sociologia, umas já consagradas, outras ainda em busca da sua afirmação, é da responsabilidade dos colegas que subscrevem os referidos comentários.

Este *Com/n/textos de Sociologia* sintetiza, com vantagens, informação bibliográfica que vem sendo regularmente editada no *Boletim Informativo* da APS. Aí, a rubrica *Biblioteca Mínima de Sociologia* convida à selecção comentada de dez obras, organizadas tematicamente e, de preferência, escritas em português acerca da sociedade portuguesa.

O facto de nem sempre ter sido possível “aportuguesar” os autores e os títulos recenseados, em nada diminui o mérito deste número dos *Com/n/textos de Sociologia*. Os tempos são hoje de acentuada multiplicação e diversificação das áreas temáticas e dos objectos de estudo e reflexão sociológica. Pode gerar-se aqui um sentimento de incapacidade para se identificar e aceder ao conhecimento sociológico que se renova continuamente.

Este sentimento pode começar a forjar-se muito cedo na carreira universitária dos sociólogos, quando a opção por umas disciplinas implica algum afastamento face ao património de saberes de outras. À entrada do mercado de trabalho, o “efeito especializante” da sociologia tende a aprofundar esta relação de (des)conhecimento. Mesmo nas condições em que os sociólogos “encartados” se entregam ao exercício profissional da sociologia, é comum o reconhecimento de que tende a perder-se a capacidade para acompanhar de perto a evolução de todas as áreas da sociologia.

Se assim sucede com os sociólogos, por maioria de razão, maior deve ser a dificuldade de outros profissionais que pretendem inteirar-se das mais recentes e pertinentes análises sobre a sociedade portuguesa. Com efeito, não é estranha à APS a situação em que estudantes ou investigadores de outras áreas, bibliotecários, professores e outros formadores, jornalistas e, enfim, cidadãos não identificados, procuram informar-se acerca da sociologia produzida por portugueses sobre Portugal. Ora o mérito deste número dos *Com/n/textos de Sociologia* é, precisamente, o de contribuir para a disseminação de informação sociológica seleccionada, para dentro e para fora da comunidade dos sociólogos portugueses.

Coimbra, Dezembro de 2001
Carlos Fortuna
Presidente
Associação Portuguesa de Sociologia

1

Análise de Classes

Elísio Estanque

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

José Manuel Mendes

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Os critérios que presidiram à presente selecção foram, por um lado, manter o equilíbrio entre algumas obras que marcaram o campo da análise de classes e outras mais recentes e inovadoras (quer em termos teóricos quer empíricos) e, por outro lado, procurar referir não apenas publicações mais estritamente enquadradas na perspectiva marxista, mas também as que se aproximam das correntes weberianas.

ALMEIDA, João Ferreira de (1986), *As Classes Sociais nos Campos: camponeses parciais numa região do noroeste*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Estudo que demonstra o equilíbrio e a coerência entre a elaboração conceptual, a profundidade analítica e o rigor metodológico. Desenhado a partir de uma perspectiva marxista, o quadro teórico persegue uma flexibilização do modelo de análise estrutural, agrega e readapta conceitos da estratificação social nessa teoria, para desenvolver um estudo de caso, contextualizado e caracterizado sob diversos ângulos. Analisa em profundidade o efeito das migrações pendulares do semi-campesinato sobre a estrutura de classes de uma freguesia do norte de Portugal.

BERTAUX, Daniel (1978), *Destinos Pessoais e Estruturas de Classe*. Lisboa, Moraes Editores (ed. original: 1977).

Um clássico na abordagem da problemática das desigualdades sociais e da dialéctica entre estrutura e destinos individuais. Propõe como conceito inovador a antroponomia, entendida como a produção, distribuição e consumo dos seres humanos. Relevando de uma abordagem marxista e da centralidade das relações de produção, não descarta, contudo, a importância dos processos simbólico-culturais. Alerta para o papel das redes sociais e das teias da família na estruturação dos percursos e trajectórias individuais e colectivas. Padecendo de um determinismo e estruturalismo demasiado acentuados, não deixa de se constituir como um instrumento valioso na compreensão das lógicas de reprodução e de mudança históricas.

BOURDIEU, Pierre (1979), *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Éditions Minuit.

Obra incontornável para quem pretenda abordar e compreender a produção e reprodução das desigualdades de classe, incidindo sobre as práticas sociais e os consumos (materiais e simbólicos). Utilizando conceitos hoje bastante divulgados como os de *habitus* e de trajectórias de classe, centra-se na construção simbólica das subjectividades e na sua estreita interdependência com a experiência prática, na estruturação de *estilos de vida* e suas formas de adaptação e distinção.

BURAWOY, Michael (1990), *The Politics of Production*. Londres, Verso (edição original: 1985).

Uma abordagem centrada na classe operária – que estabelece comparações entre o Ocidente e os países do Leste europeu – cujo epicentro é a vida no espaço fabril, a sua lógica exploradora sobretudo, e as dinâmicas de interacção e de jogo que nela têm lugar e nas quais os trabalhadores participam, construindo com isso lógicas fundadas em relações de *consentimento*. Análise de grande actualidade onde se articulam as vertentes sociocultural e económica, por um lado, e as dimensões micro e macro (a fábrica e o capitalismo global), por outro.

DAHRENDORF, Ralf (1959), *Class and Class Conflict in Industrial Society*. Londres, Routledge & Kegan Paul (ed. original: 1957).

Este livro marcou uma viragem na análise ortodoxa das classes. A sua preocupação central é provar o papel positivo do conflito na dinâmica das sociedades e apontar vias para a institucionalização da negociação. Esta institucionalização será a grande vantagem das sociedades livres, únicas capazes de reconhecer a diferença e a diversidade. Muitos dos debates que perpassam esta obra mantêm-se actuais, apesar do contexto ter mudado radicalmente na cena internacional. Contudo, como frisa Dahrendorf, o totalitarismo e as formas totalitárias espreitam em todas as sociedades e em todas as épocas.

EDER, Klaus (1993), *The New Politics of Class. Social Movements and Cultural Dynamics in Advanced Societies*. Londres, Sage.

Um livro extremamente interessante e que dá contributos teóricos e analíticos altamente estimulantes para a abordagem culturalista e sociopolítica das classes. O autor mostra como o fenómeno dos novos movimentos sociais favoreceu a reelaboração teórica em torno das classes e, ao mesmo tempo, lança um novo olhar sobre as relações entre o conflito de classes e as novas modalidades de identidade colectiva que emanam da *praxis* política radical conduzida por certos sectores da classe média.

ERIKSON, Robert; GOLDTHORPE, John (1993), *The Constant Flux. A Study of Class Mobility in Industrial Societies*. Oxford, Clarendon Press.

Partindo de uma análise relacional das classes sociais nas sociedades industriais, os autores dão um contributo essencial para uma crítica das teorias liberais da mobilidade social. Com uma argumentação teórica sólida, utilizaram modelos estatísticos para testarem as diferentes propostas em presença, realizando um estudo comparativo sobre países europeus e não-europeus. A tipologia de classes que propõem sai reforçada e apresenta-se como uma referência para a apreensão das estruturas e dinâmicas sociais.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta (org.) (1993), *Changing Classes: Stratification and mobility in post-industrial societies*. Londres, Sage.

Esta colectânea apoia-se em análises empíricas comparativas de países europeus e da América do Norte. Dá conta dos principais debates sobre o assunto e equaciona os seus tópicos mais pertinentes. Questões como a requalificação no mercado de emprego, regimes de mobilidade e carreiras socioprofissionais, a proletarianização de certos sectores dos serviços e as novas lógicas de estruturação das classes e desigualdades, constituem os principais temas em discussão.

STEDMAN JONES, Gareth (1989), *Languages of Class: Studies in English working class history, 1832-1982*. Cambridge, Cambridge University Press (edição original: 1983).

Aborda a dimensão sociocultural na formação histórica da classe operária. A pertinência do livro prende-se com o problema das conexões entre as relações de produção e as práticas culturais em contexto comunitário. As questões levantadas (linguagem sindical e da luta colectiva em ambientes rurais ou semi-rurais sujeitos à pressão industrial) ajustam-se a pesquisas históricas sobre a reestruturação e fragmentação de classes em sociedades de desenvolvimento tardio, como a portuguesa.

WRIGHT, Erik Olin (1989), *Classes*. Londres, Verso (ed. original: 1985).

Este livro marcou o revitalizar da teoria marxista das classes sociais, propondo uma tipologia assente nas relações de exploração em três esferas ou dimensões: a propriedade, a autoridade e as credenciais. O autor dialoga com as perspectivas weberianas e com o conceito de oportunidades sociais, demonstrando as clivagens classistas nas sociedades actuais. Colocado na corrente do individualismo metodológico, procura articular os níveis macro e micro, abordando e precisando os resultados ou as tendências ambivalentes. A noção de localizações contraditórias de classe e de relações de classe mediadas dão conta dessa complexidade e constituem material para a compreensão da mudança e dos conflitos sociais.

2 Ciência

Helena Jerónimo

ISEG – Universidade Técnica de Lisboa

Hugo Mendes

Doutorando da Universidade de Warwick (Reino Unido)

Esta sugestão de BM em Sociologia da Ciência tenta abranger o campo genericamente designado por Estudos Históricos e Sociais da Ciência. Consequentemente, alargou-se a outros âmbitos disciplinares para além da Sociologia. Pretende-se apresentar algumas das mais importantes obras do século XX, em termos de literatura internacional, e as principais referências da Sociologia portuguesa, nas duas últimas décadas. Optou-se por uma proposta pluralista no que diz respeito às correntes teóricas, metodologias de investigação e focagens analíticas. Privilegia-se os textos reunidos em formato de livro em detrimento dos ensaios ou artigos inseridos em revistas.

BECK, Ulrich (1992)[1986], *Risk Society*. Londres, Sage.

Uma hipótese de classificação das sociedades contemporâneas a partir dos impactos da ciência e da tecnologia na sociedade e no ambiente. Beck mapeia os contornos da mudança social no final de século, marcada pela transição da modernidade “industrial” para a “reflexiva”, onde os conflitos se centram não em torno da distribuição da riqueza mas dos riscos tecno-científicos. Embora sem reunir consenso, esta tese incide sobre questões muito actuais, ligando o estudo dos impactos da ciência e da tecnologia com a teoria social e a análise das dinâmicas macro-sociais.

GONÇALVES, Maria Eduarda (org.) (2000), *Cultura Científica e Participação Pública*. Oeiras, Celta.

Este livro, como outros organizados pela autora, apresenta reflexões no âmbito dos estudos sociais de ciência, das controvérsias públicas de base científica e da comunicação pública da ciência por parte de um leque de autores nacionais e estrangeiros, como M. Villaverde Cabral, A. Firmino da Costa, J. Luís Garcia, M. Mira Godinho, I. Kovács, J. C. Jesuíno, B. Lewenstein, L. Lima, J. Augusto Mourão, J. Arriscado Nunes, ou S. Yearley.

HARAWAY, Donna (1992), *Primate Visions. Gender, Race and Nature in the World of Modern Science*. Londres, Verso.

Esta obra constitui o expoente mais exemplar e rigoroso de uma das principais linhas de investigação nos estudos sociais de ciência de finais dos anos 80 (cujos traços podem ser já encontrados em certos textos de Foucault). A prática da ciência e as teorias científicas são perspectivadas como tipos particulares de histórias e narrativas onde a primatologia, na qualidade de discurso da biologia, surge como um ramo das ciências da vida em que poder, género, raça e construções da natureza se interligam.

JASANOFF, Sheila; MARKLE, Gerald; PETERSEN, James e PINCH, Trevor (orgs.) (1995), *Handbook of Science and Technology Studies*. Nova Iorque, Sage.

Trata-se de uma obra de referência que procede ao “estado da arte” do espaço disciplinar dos “estudos de ciência e tecnologia”. Os 28 artigos estão organizados em capítulos sobre os enfoques teóricos e metodológicos, as culturas científicas e técnicas, a construção da tecnologia, a comunicação de ciência, a dinâmica das controvérsias e as relações entre ciência, tecnologia e Estado.

JONAS, Hans (1997) [1979], *Le Principe Responsabilité. Une Éthique pour la Civilisation Technologique*. Paris, Éditions du Cerf.

Esta obra do filósofo judeu alemão, aluno mas não discípulo de M. Heidegger, é a mais importante proposta para uma ética da ciência numa época em que, segundo o autor, a promessa da técnica moderna se converteu numa ameaça perpetrada pela irreversibilidade dos impactos da acção tecnocientífica. Convocando a tradição sociológica da “ética da responsabilidade” formulada por M. Weber, este tratado discute os ideais de progresso e de utopia associados a muitos dos empreendimentos científicos e avança uma teoria da responsabilidade de amplo alcance.

LAKATOS, Imre e MUSGRAVE, Alan (orgs.) (1970), *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, Cambridge University Press.

Juntamente com as obras de K. Popper, T. Kuhn, I. Lakatos e P. Feyerabend, para referir apenas alguns dos autores mais conhecidos, este é um dos livros que mais marcou o panorama da discussão epistemológica na segunda metade do século XX em torno dos processos de construção e mudança e dos requisitos do conhecimento científico. Este debate contribuiu para alterar a imagem tradicional da ciência e impulsionou reflexões recentes nos domínios da filosofia, história e sociologia da ciência.

LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve (1979), *Laboratory Life. The Construction of Scientific Facts*. Nova Iorque, Sage.

Livro que marca o nascimento das “etnografias de laboratório”, linha de estudos a que também ficaram ligados, como pioneiros, K. K. Cetina e M. Lynch. Os autores aliam a discussão de instrumentos da sociologia e da etnografia ao material empírico recolhido durante 2 anos num laboratório de neuroendocrinologia. Rompendo com o estudo externalista das normas da ciência e com os tratados de epistemologia que ignoram a incerteza do trabalho laboratorial, propõem uma análise materialista da construção dos factos científicos, introduzindo os conceitos de “simetria” e “rede”.

MARTINS, Hermínio (1996), *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*. Lisboa, Século XXI.

A primeira obra publicada em português do professor da Universidade de Oxford contém três estudos dedicados à sociologia da ciência e da técnica: “A revolução kuhniana e a sociologia”, “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica” e “Tecnologia, modernidade e política”. Afastando-se do cientifismo positivista e do determinismo da plenitude tecnológica, o autor apresenta nestes ensaios alguns dos conceitos principais que tem vindo a desenvolver noutros estudos já publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

MERTON, Robert (1970) [1942], *Science and Technology in Seventeenth Century England*. Nova Iorque, Harper & Row.

No seguimento da sua tese de doutoramento sobre o aparecimento da ciência na Inglaterra do século XVII, Merton publica aquele que é considerado o contributo pioneiro da sociologia da ciência. O autor identifica um quadro normativo partilhado pela comunidade científica composto pelos valores do cepticismo organizado, universalismo, comunalismo e desinteresse. Apesar da ênfase na dimensão normativa e da não problematização de questões importantes, esta obra marcou decisivamente uma geração de estudos até o surgimento, nos anos 70, de uma corrente de cariz construtivista.

SANTOS, Boaventura Sousa (1989), *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto, Afrontamento.

Reflexão de recorte epistemológico onde o autor analisa o período de transição paradigmática à luz de uma dupla hermenêutica: a da suspeição, na crítica ao paradigma positivista estruturante das ciências naturais e exportado para as ciências sociais; e a da recuperação, na definição dos contornos da ciência pós-moderna. Ao contrário do anterior, marcado pelo isolamento da racionalidade científica em relação aos discursos moral e estético e ao senso comum, o paradigma emergente procura uma articulação dialogante com outras formas de conhecimento.

3

Corpo na Sociologia

Vítor Sérgio Ferreira

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

As duas últimas décadas têm sido palco da consagração da corporeidade humana enquanto eixo de análise sociológica, tradicionalmente desincorporada na abordagem das relações entre estruturas sociais, sistemas de classificação simbólica e práticas agenciadas. Procurou-se nesta BMS sistematizar os principais debates na constituição de uma 'sociologia do corpo', considerando a sua pluralidade paradigmática, assim como apontar a diversidade de caminhos empíricos da actual agenda de investigação. Esta síntese bibliográfica poderá, pois, servir como ponto centrífugo em direcção a áreas temáticas correlacionadas com o corpo (saúde, desporto, arte, sexualidade, género, etnicidade, moda, política, religião, etc.), bem como em direcção a referências mais clássicas ou especializadas. Aos mais interessados recomenda-se ainda a consulta de duas revistas especializadas na área - *Body and Society* e *The Journal of Dress, Body and Culture* -, bem como de alguns números temáticos em revistas sociológicas de referência.

ALMEIDA, Miguel Vale (org.) (1996), *Corpo Presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras, Celta Editora, 234 p.

A cumplicidade teórica existente entre a sociologia e a antropologia na abordagem do corpo como fenómeno social, associada à sua qualidade excepcional no contexto da produção nacional sobre o tema, obriga a incluir esta referência. Assume-se como um ensaio colectivo e experimental, não com a pretensão de formular um programa teórico, mas de apresentar e discutir o pluralismo paradigmático e contextual que marca a abordagem das questões do corpo e da incorporação, «procurando o diálogo entre símbolo e prática, estrutura e agência, verbalidade e corporalidade» (p.17). Tais questões são abordadas numa variedade de contextos e situações sociais, desde a medicina oriental à própria comunidade antropológica, passando pela performance e a dança, o hospital e a prisão, sociedades 'exóticas' e rurais, no processo de envelhecimento ou na situação de cadáver.

CSORDAS, Thomas J. (ed.) (1994), *Embodiment and Experience. The existential ground of culture and self*. Cambridge, Cambridge University Press, 310 p.

Uma colectânea ilustrativa das várias direcções empíricas teóricas de um novo paradigma da incorporação, de orientação fenomenológica, onde o corpo é assumido não como mero objecto receptor passivo de cultura, mas como sujeito de acção intersubjectiva e base material da experiência no mundo, onde assume diversas formas de presença e intervenção, nomeadamente através da sua capacidade perceptiva, sensorial e sensitiva. Daí muito do material empírico apresentado privilegiar experiências corporais de natureza liminar, de sofrimento, violência e emoção, nas formas de doença, amputação, violação e tortura, por exemplo. A obra propõe-se reconceptualizar as noções de cultura, de pessoa e de experiência através da restituição da sua dimensão propriamente física, para além das tradicionais dualidades epistemológicas que atravessam a problemática do corpo: mente/carne, sujeito/ objecto, cultura/biologia, etc.. A proveniência antropológica dos autores traz-nos ainda a mais valia metodológica da perspectiva etnográfica e comparativa com outras sociedades para além das do mundo ocidental desenvolvido: Cambodja, ilhas Fiji, China, El Salvador, Sri Lanka, etc.

FALK, Pasi (1994), *The Consuming Body*, London, Thousand Oaks, New Delhi, Sage Publications, 256 p.

A relevância desta obra surge na originalidade com que o corpo é perspectivado na relação entre o 'self' e a cultura de consumo (de bens e signos). O autor argumenta existir no

processo de construção do 'self' uma articulação entre a experiência sensória das 'fronteiras do corpo' e a ordem simbólica e prática que, através dos seus 'orifícios', flui do e para o seu exterior. Nesta óptica, elege a 'boca' como unidade de análise, não apenas devido à centralidade do seu papel como órgão de consumo (nomeadamente alimentar), mas também por via das suas funções expressivas, enquanto principal veículo de comunicação. A propósito da interacção recíproca entre a experiencialidade da corporeidade e as possibilidades materiais de incorporação disponibilizadas pela actual sociedade de consumo, discutem-se tópicos como a necessidade e o desejo, os gostos e os tabus, ou a publicidade e a pornografia.

FEATHERSTONE, Mike (ed.) (1999), *Body Modification*. Londres, Sage Publications, 352 p.

Mais uma colectânea, esta sobre vários tipos de modificação corporal que, nos últimos anos, têm vindo a ressurgir ou a emergir no mundo ocidental. São práticas que, através de várias estratégias e instrumentos, pretendem a alteração da aparência ou da forma do corpo, a substituição dos seus órgãos, ou a extensão para além dos seus limites físicos. Da capacidade de intervir e de escolher entre diversas possibilidades plásticas e sensoriais, emergem novos modelos de corporeidade atravessados por uma ideia desnaturalizada de corpo, já não como algo fixo e sagrado, mas como entidade volátil, inacabada ou até imperfeita, recurso a explorar e sujeito a projectos vários. Assim, em torno de práticas como o *piercing* ou a tatuagem, a musculação ou a dieta, a cirurgia plástica ou as modalidades de fusão homem- máquina que as novas tecnologias permitem, são (re)discutidas questões como a construção das identidades e sociabilidades, agência e estrutura, controlo e resistência ou novas utopias e distopias.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan S. (eds.) (1991), *The Body. Social Process and Cultural Theory*. Londres, Sage Publications, 352 p.

Esta colectânea reúne os mais significativos artigos publicados na revista *Theory, Culture and Society*, durante os anos 80, sobre a problemática do corpo como meio de compreensão da complexidade relacional entre natureza, cultura e sociedade. Contém ainda textos inéditos, em tom de genealogia crítica, acerca dos desenvolvimentos teóricos e epistemológicos desta problemática nas ciências sociais, percorrendo Foucault, Nietzsche, Merleau-Ponty, Elias, Bourdieu, Goffman, ou as teorias feministas. A importância social e sociológica do corpo é discutida a partir de realidades várias, como as dietas ou as artes marciais, a vivência incorporada do envelhecimento, do género ou das emoções, o lugar do corpo na política social, no discurso pós moderno ou na sociedade de consumo.

LE BRETON, David (1999), *L'Adieu au Corps*. Paris, Métailié, 238 p.

Aborda igualmente os novos estatutos da corporeidade na sociedade contemporânea, onde se presume o desaparecimento gradual do corpo tal como é conhecido: segundo o autor, as numerosas próteses e extensões reduzem os seus usos físicos e sensoriais, vários domínios da tecno-ciência (biotecnologia, genética, informática, robótica) procuram reformulá-lo, rectificá-lo, extendê-lo para além dos seus limites físicos, ou até mesmo imaterializa-lo (cybercultura). Por um lado, o corpo torna-se um alter-ego, entendido não como unidade fenomenológica da pessoa (ser), mas como um acessório (ter), susceptível de ser moldado nos parâmetros de um projecto pessoal de apresentação social de si. Este trabalho de *bricolage* abrange ainda o recurso a psicotrópicos ou fármacos para regular a relação afectiva do sujeito com o mundo, enquanto próteses químicas que o ajudam a enfrentar as exigências da sociedade contemporânea. São, no fundo, formas que consubstanciam desejo de suprimir a carne da condição humana, não apenas porque na carne radica a fragilidade, o sofrimento, o envelhecimento e a morte do Homem, mas também porque já não está à altura dos novos desafios lançados pela sociedade contemporânea. As modalidades de todo este processo, suas condições e domínios de emergência e respectivos efeitos socio-antropológicos que são discutidos nesta obra de referência.

LE BRETON, David (1997 [1992]), *La Sociologie du Corps*. Col. Que sais je?, Paris, Presses Universitaires de France, 3ª edição corrigida, 129 p.

Resume muito esquematicamente o que nos últimos trinta anos tem sido produzido no âmbito da investigação sociológica aplicada ao corpo. O autor começa por sistematizar as etapas mais marcantes da abordagem do corpo pelas ciências sociais, prosseguindo com a discussão em torno da variabilidade e das ambiguidades subjacentes às definições da corporeidade humana, assim como das tarefas, riscos e estatutos epistemológicos de uma 'sociologia do corpo'. Posteriormente, percorre vários domínios de investigação sociológica nesta área, considerando as suas coordenadas teóricas e potencialidades heurísticas.

SHILLING, Chris (1993), *The Body and Social Theory*. London, Newbury Park, New Delhi, Sage Publications, 240 p.

Notável trabalho de organização, sistematização e revisão crítica das mais relevantes abordagens sociológicas do corpo, apontando contribuições, problemas, limites e silêncios. Para o autor o corpo não foi totalmente ignorado na tradição sociológica, tratando de analisar as suas modalidades de *ausência presente* no tratamento de tópicos como o género, a idade ou a raça. Depois de apresentar o que entende serem as causas da popularidade do corpo na vida social e académica, dedica a sua atenção à discussão dos pressupostos das abordagens *naturalistas* e *construtivistas* do corpo. Discute ainda em profundidade as valências teóricas dos trabalhos de Bourdieu e de Elias na tentativa de superação da dicotomia cartesiana corpo/mente reproduzida nas anteriores abordagens. Por fim, envereda por uma nova direcção empírica, examinando o corpo no âmbito do problema da organização e experiência social da morte na 'modernidade tardia'.

SYNNOT, Anthony (1993), *The Body Social. Symbolism, Self and Society*. New York, London, Routledge, 308 p.

Interessante abordagem culturalista sobre a diversidade das construções sociais do corpo humano. Inovadora, utiliza uma estratégia de dissecação do corpo em vários dos seus atributos, órgãos, funções, estados e sentidos, caracterizando os sistemas de representações e valores que os enquadram em algumas dimensões da vida social - política, económica, sexual, moral, etc.. Começa por focalizar a dimensão *somática* do corpo, analisando diferentes construções simbólicas do corpo em diferentes sistemas sociais historicamente localizados. Aborda ainda a questão do valor e significado social do corpo enquanto eixo estruturante de processos de discriminação e de construção identitária, a partir de um dos seus principais atributos - o *género* - e de dois dos seus órgãos socialmente mais visíveis - a *face* e o *cabelo*. Posteriormente, dedica a sua atenção à dimensão *sensorial* do corpo analisando o valor e significado social atribuído a cada um dos sentidos ao longo do tempo. Conclui com a discussão em torno das teorias clássicas e contemporâneas sobre o corpo e a sua dimensão sensorial.

TURNER, Bryan S. (1996 [1984]), *The Body and Society. Explorations in Social Theory*. London, Sage Publications, 2ª edição corrigida, 272 p.

Pioneira na consolidação de uma sociologia do corpo, a sua primeira edição introduz essa realidade no epicentro do debate de temas tradicionais como o controlo ou a estratificação social. Aborda problemáticas como a reprodução, a restrição, a regulação e as representações sociais dos corpos, no seu 'interior' e 'exterior', em dimensões como a religião, a família, a sexualidade, a política ou a saúde. Termina com uma 'ontologia social do corpo', onde discute os limites e as valências teóricas de autores como Marx, Nietzsche ou Foucault num programa de investigação sociológica 'incorporada'. Na introdução à segunda edição o autor avança com a noção de *sociedade somática* para caracterizar a sociedade contemporânea, discorrendo sobre as condições que permitiram a recente sacralização social do corpo.

4 DESPORTO

Salomé Marivoet

Faculdade de Motricidade Humana
Universidade Técnica de Lisboa

Na selecção das obras aqui referenciadas, deu-se preferência às publicações mais recentes deste campo disciplinar. Privilegiaram-se também as obras que contribuem para a demarcação epistemológica do campo científico, assim como, as que apresentam uma perspectiva teórica do desporto alicerçada em investigações empíricas. Por último, considerou-se importante seleccionar algumas obras de referência para uma introdução à Sociologia do Desporto.

BOURDIEU, Pierre (1987), “Programme pour une sociologie du sport” in *Choses Dites*. Paris, Éditions Minuit.

Como pressuposto epistemológico da Sociologia do Desporto, Bourdieu propõe a noção de ‘sistema de práticas desportivas’, defendendo que cada elemento recebe um valor distinto e estabelece relações de interdependência com os restantes. Decorrente do conceito de *habitus*, Bourdieu identifica uma correspondência entre práticas desportivas e posições sociais. A diferenciação social através das escolhas desportivas e a análise do contacto corporal permitido em cada desporto constituem dimensões das estratégias de distinção social. As práticas desportivas são inseridas no mercado dos consumos culturais, cuja dinâmica se centra na raridade, propiciadora de distinção social. As práticas desportivas profissionais são remetidas para a esfera produtiva dos bens e serviços.

BROHM, Jean-Marie (1992), *Sociologie politique du sport*. Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 2ª Ed. (1ª edição: 1976).

Análise crítica do Desporto Moderno numa perspectiva marxista. Brohm considera o desporto um ‘microcosmos’ da sociedade, e propõe o conceito de ‘modo de produção desportiva’. O princípio do rendimento e da performance desportiva, constitui o objectivo primordial da produção dos *records* e, com estes, a associação que se estabelece entre o desporto e os media. O espectáculo desportivo é entendido como um veículo da ideologia dominante, sendo denunciado o papel conservador e alienante da diversão desportiva (‘ópio do povo’). A instituição desportiva é analisada como aparelho ideológico do Estado e das classes dirigentes, em especial, na *corporalisation* desportiva da juventude.

COAKLEY, Jay (1994), *Sport in Society: Issues and Controversies*. St Louis, Mosby. 5ª Ed. (1ª edição: 1978).

Trata-se de um compêndio de Sociologia do Desporto, apresentado em formato atractivo para ser utilizado como manual. Coakley utiliza uma estrutura temática apoiada em contribuições bibliográficas e estudos empíricos em diferentes registos: género, raça, estratificação e mobilidade social, economia, media, política, educação, religião e desvio social. O autor apresenta uma análise do fenómeno desportivo inserido nas estruturas sociais e culturais de cada sociedade, passando em revista diferentes pressupostos teóricos.

DEFRANCE, Jacques (1995), *Sociologie du sport*. Paris, La Decouverte.

Em formato de bolso, esta é uma obra introdutória à Sociologia do Desporto. Questões epistemológicas da disciplina são debatidas por Defrance, nomeadamente, o conceito de desporto e a génese da instituição desportiva. São sistematizadas as diferentes tendências dos estudos sociológicos nesta área disciplinar: as organizações, a profissionalização, a indústria e os *media* desportivos são temas desenvolvidos, ao mesmo tempo que o desporto é apresentado como relação social, cultura, e actividade profissional.

DUNNING, Eric (1999), *Sport Matters: Sociological studies of sport, violence and civilization*. London, Routledge.

Dunning analisa o desenvolvimento do futebol como um jogo mundial e o hooliganismo no futebol como um problema social mundial. Desenvolve-se a tese de que o desporto se constitui como um espaço de expressão pública dos comportamentos tradicionais masculinos e, neste contexto, a diferenciação face ao universo feminino. A estratificação racial e as dinâmicas do consumo desportivo são ainda desenvolvimentos da análise figuracional proposta por Eric Dunning.

DUNNING, E., MAGUIRE, J. and PEARTON, R. (Eds.), (1933). *The Sports Process: A Comparative and Developmental Approach*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Esta colectânea apresenta-nos diferentes investigações sociológicas sobre o processo de desenvolvimento das práticas físico-desportivas, desde as suas formas pré-modernas até ao surgimento dos desportos modernos. Vários autores dão o seu contributo à análise da difusão e do desenvolvimento do desporto em diferentes contextos sociais e culturais. Destacam-se as contribuições de Peter McIntosh, um dos pioneiros da Sociologia do Desporto, no seu capítulo *The Sociology of Sport in the Ancient World*, e de Richard Gruneau na sua análise crítica do desporto na Modernidade.

ELIAS, Norbert (1992), *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel. (ed. original: Elias, N. and Dunning, E. (1986), *The Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford, Blackwell.

A versão portuguesa atribui incorrectamente a autoria apenas a N. Elias. Trata-se de uma obra de referência da Sociologia do Desporto, onde se sustentam questões epistemológicas de base desta área disciplinar. Fazendo recurso à teoria 'figuracional', os autores inserem o Desporto Moderno no Processo Civilizacional, relacionando o aumento do autocontrole emocional, o monopólio da utilização da força física pelo Estado, e a regulamentação e a uniformização de novas práticas de lazer (*sport*). Os autores sugerem a designação de 'desportivização' a este processo. O aumento da seriedade do desporto ao longo do séc. XX, as relações entre o desporto e a violência e as identidades masculinas nos desportos de confrontação, constituem os principais temas investigados.

MARIVOET, Salomé (1998), *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Lisboa, Livros Horizonte.

O livro pretende ser uma introdução à reflexão do desporto como problema sociológico. Dirigido ao público interessado no desporto e aos estudantes da área disciplinar, o livro debate os contributos do "saber" sociológico para compreensão do desporto na actualidade. São apresentados resultados de investigações empíricas realizadas sobre as tendências da procura desportiva, os envoltamentos em carreiras desportivas e a violência no desporto na sociedade portuguesa.

POCIELLO, Christian [Org.], (1987), *Sport et Société: Approche socio-culturelle des pratiques*. Paris, Éditions Vigot.

Pociello propõe-se analisar o desporto como um produto económico, social e cultural, submetido a mecanismos de ajustamento da oferta e da procura desportivas. Partindo das concepções teóricas de Bourdieu, Pociello insere o sistema das práticas desportivas nas práticas constitutivas dos estilos de vida e propõe o conceito de "capital corporal". As novas necessidades sociais veiculadas pelas práticas desportivas, onde a valorização do corpo assume um papel central, são analisadas como rupturas face aos valores da sociedade industrial, onde se insere o desporto hiper-codificado, produtor de performances, cuja orientação assenta na moral do esforço. As contribuições incluídas nesta colectânea corroboram empiricamente a análise sociocultural das práticas desportivas proposta por Bourdieu e Pociello.

YONNET, Paul (1998), *Systèmes des sports*. Paris, Éditions Gallimard.

Yonnet retoma o termo de "desportivização" sugerido por Elias e Dunning, para se referir à mundialização do desporto, promovida pela mediatização do espectáculo desportivo. Ainda que centrado numa concepção de sistema proposta por Bourdieu, considera que os dois sistemas presentes no espaço desportivo - desporto espectáculo e desporto de lazer - mantêm entre si uma relação de concorrência. Recorrendo à noção de "preconceito" na acepção de Durkheim, o

autor utiliza a designação de *extrême* e transforma-a em conceito de apreensão sociológica das práticas sociais nos sistemas desportivos.

5 Familia

Maria das Dores Guerreiro

ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Piedade Lalanda

Doutoranda do Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Lisboa

Sendo bastante vasta a produção nacional na área da sociologia da família, a sua inclusão nesta Biblioteca Mínima de Sociologia de apenas dez títulos iria forçosamente excluir obras internacionais de referência fundamental, que nos pareceu não poderem deixar de aqui serem mencionadas. A opção tomada pelas autoras desta selecção foi por isso a de inventariar as publicações de autores de língua estrangeira que na sociologia da família mais se destacam e constituem património da disciplina, na certeza de que os trabalhos feitos em Portugal estão mais acessíveis e já serão do conhecimento da generalidade do público a quem a BMS se destina.

ANDERSON, Michael [ed.] (1982), *Sociology of the Family*. Middlesex.

Trata-se de uma compilação de textos e autores de referência no quadro da sociologia da família - as referências mínimas ou a biblioteca mínima que qualquer estudioso da família precisa conhecer. Parsons, Rapoport, Anderson, Michel, Morgan e Turner, entre muitos outros, são os autores que nesta pequena antologia abordam a mudança familiar, as relações conjugais e de parentesco, os modelos alternativos de família e ainda, algumas das perspectivas teóricas mais divulgadas até perto dos anos 80.

BURR, Wesley R., HILL, Reuben, NYE; F Ivan e REISS, Ira L. [ed.] (1979), *Contemporary Theories About the Family*. New York, The Free Press, 2 volumes.

Nesta interessante obra em dois volumes encontra-se uma pluralidade de teorizações sobre a família, integrando investigação empírica e reflexão teórico-metodológica. No volume 1, a partir da pesquisa empírica sobre assuntos substantivos em que os autores se centraram, foram extraídas conclusões teóricas para confronto e revisão das teorias de médio alcance utilizadas. O volume II apresenta um conjunto de contributos que procuram aplicar algumas teorias mais gerais ao estudo da família: as teorias da troca, o interaccionismo simbólico, a teoria geral dos sistemas, a teoria do conflito bem como a abordagem fenomenológica.

GELLES, Richard J., (1995), *Contemporary Families - A Sociological View*. Thousands Oaks, Sage Publications.

Neste manual de sociologia, que pretende destinar-se a cursos onde a família é examinada enquanto instituição, mais concretamente em sociologia da família, é apresentada uma análise dos principais aspectos relacionados com a vida familiar. Embora centrado nas famílias norte-americanas, este livro debruça-se sobre os temas que em todas as sociedades da modernidade avançada constituem objecto da disciplina: enamoramento, conjugalidade, parentalidade, trabalho e família, envelhecimento, divórcio, recasamento, violência doméstica e, ainda, as famílias no futuro são aqui abordados pelo autor de forma muito sugestiva.

KELLERHALS, Jean, TROUTOT, Pierre-Yves, LAZEGA, Emmanuel (1984), *Microsociologie de la famille*, Paris, PUF, 127p. (tradução - *Microsociologia da família*. Lisboa, Publicações Europa/América, 1989.

A estrutura desta obra parte da caracterização da família nas "sociedades industriais" para chegar aos processos de "adaptação" intra-familiar. Trata-se de um pequeno guia para o estudo da família do "lado de dentro" ou seja, do ponto de vista das interações e das formas/tipos que estas assumem na sociedade moderna (ao nível dos papéis conjugais, das relações de poder, da relação parental).

MICHEL, Andrée (1978), *Sociologie de la famille et du mariage*. Paris, Edição Presses Universitaires de France. 264p. (tradução - *Sociologia da família e do casamento*, Porto, ed. Rés, 1981).

Andrée Michel é hoje uma autora de referência nesta área. Desde a década de 50 que publica trabalhos referentes à família e às relações de género. Nesta obra, a autora começa por referir as teorias de Morgan, Engels, Durkheim e Mauss para chegar aos teóricos estruturalistas (Levi-Strauss) e funcionalistas (Parsons) da década de 70. Aponta algumas transformações funcionais (socialização) e estruturais (papéis masculino e feminino) da família, a partir de indicadores demográficos, como contextos reveladores da transformação da relação conjugal e familiar. A autora critica o modelo parsoniano da família, contrapondo novas formas (união livre, família de dupla carreira, família comunitária), onde se manifestam a importância da flexibilidade da organização e a comunicação, como estruturas adaptativas ao sistema social moderno.

MORGAN, David H. J. (1996), *Family Connections-An Introduction to Family Studies*. Cambridge, Polity Press.

Autor de *Family and Social Theory*, uma outra obra importante dos anos 70, neste seu livro mais recente David Morgan propõe uma perspectiva de análise da família em estreita articulação com outras problemáticas transversais, pertencentes ao leque de tópicos tradicional ou mais recentemente constituídos em objectos sociológicos. O trabalho, o género, as classes sociais, ou áreas emergentes como por exemplo as questões do tempo e do corpo, são discutidas por Morgan, que também põe em evidência a importância de se incluir o tema da família nas reflexões de que se ocupa actualmente a teoria sociológica.

SEGALEN, Martine (1981), *Sociologie de la famille*. Paris, Harmattan, (tradução portuguesa, "*Sociologia da Família*". Editora Terramar, 1999).

Esta é a segunda edição de uma obra publicada em 1979. A autora analisa a dinâmica familiar aliando uma apresentação histórica e antropológica à abordagem sociológica das interações. Na primeira parte, o enfoque é o parentesco (o grupo doméstico na rede parental; o sistema de relações); na segunda, o grupo doméstico (o casamento, o projecto procriativo) e na terceira, a dinâmica intra-familiar (os papéis, os modelos, o controlo). Em síntese a autora pretende fundamentar a tese de que, apesar de a família ser um facto universal, existe uma pluralidade de formas/arranjos em cada sociedade. É no entrecruzar de diferentes abordagens científicas (história, antropologia, demografia) que melhor se pode compreender e teorizar sobre a Família.

SINGLY, François de (1993), *Sociologie de la famille contemporaine*. ed. Nathan/Université, col. 128.

Introduz o conceito de autonomia do indivíduo em relação à família contemporânea e para tal, desconstrói o conceito de família conjugal de Durkheim. Identifica as alterações que sofreram as redes de socialização e de sociabilidade (escola e parentesco), procurando apontar alguns sinais da importância atribuída à individualização. O indivíduo é cada vez mais senhor do seu destino e a família um lugar de afectos e de respeito pela individualidade. Que estratégias de socialização para as famílias onde se assiste a uma diversidade de formas familiares, onde se perde o valor institucional dos vínculos e se alteram e alternam os papéis sociais?

SINGLY, François de (1997), *La famille, l'état des savoirs*. Paris, Ed. La découverte.

Obra colectiva, na lógica da colecção a que pertence, funciona como um "guia" para as questões da investigação em domínios diversos relacionados com a família. Cerca de quarenta autores fazem o leitor entrar em terrenos de pesquisa que vão desde a

construção (entrada na conjugalidade, celibato, monoparentalidade...) à dinâmica interna da família (parentalidade, hábitos domésticos...), para depois analisar as relações entre as famílias (intergeracionais) e com o estado (as políticas familiares, as técnicas de procriação...). Em jeito de conclusão, a obra introduz o olhar de várias ciências humanas (etnologia, psicologia, história...) sobre a questão da Família.

SUSSMAN, Marvin B. e STEINMETZ, Suzanne [ed.] (1988), *Handbook of Marriage and The Family*, New York.

É uma compilação exaustiva de textos sobre assuntos ligados à família dos quais, para além da sociologia, se ocupam várias áreas disciplinares como a demografia, a psicologia e a história. Nesta volumosa antologia que um sociólogo da família deve conhecer, podemos encontrar abordagens e temáticas muito diversificadas que dão corpo a trinta capítulos, organizados em quatro grandes partes - perspectivas e análises sobre a família, diversidade na vida familiar, processos e ciclos de vida, dinâmicas e transformações familiares.

6 PRODUÇÃO DE CULTURA

Paula Abreu

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Claudino Ferreira

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Apresenta-se aqui uma selecção de títulos que se consideram fundamentais ou exemplares na abordagem dos processos contemporâneos de produção cultural. Ao referirmo-nos à “produção de cultura”, estamos a situar-nos num sub-campo da sociologia da cultura, aquele que se reporta aos contextos em que têm lugar as actividades especializadas de criação e produção de objectos e performances de cariz eminentemente expressivo. A selecção dos títulos obedeceu a dois critérios. Em primeiro lugar, elencou-se um conjunto de obras e autores que, independentemente da tradição intelectual em que se inscrevem, são referências teóricas incontornáveis na abordagem da produção cultural. Em segundo lugar, seleccionaram-se alguns estudos sectoriais particularmente exemplares na análise das principais questões que marcam hoje as formas e os processos de produção de cultura.

BOURDIEU, Pierre (1996) [1992], *As Regras da Arte. Génese e Estrutura do Campo Literário*. Lisboa, Presença.

Bourdieu apresenta de forma sistemática a sua perspectiva sobre a estruturação dos campos artísticos e as regras da produção da arte. Dividida em duas partes, a obra apresenta, em primeiro lugar, uma abordagem histórica sobre a constituição e autonomização do campo literário contemporâneo. Na segunda parte, destacam-se dois textos em que o autor retoma algumas das suas reflexões epistemológicas sobre a legitimidade de um conhecimento sociológico sobre a arte, bem como uma abordagem sistemática sobre as propriedades gerais dos campos da produção cultural.

BECKER, Howard (1982), *Art Worlds*. Berkeley. Los Angeles e Londres, University of California Press.

Explorando o conceito de “mundos da arte”, H. Becker propõe uma análise da arte como actividade colectiva, isto é, como resultado da divisão do trabalho e das relações de cooperação entre um vasto e heterogéneo conjunto de profissionais e actores que, conjuntamente, concorrem para a produção, distribuição e consumo da arte. Esta estratégia analítica, centrada nos modos de organização da actividade cultural, permite ao autor escapar ao julgamento estético *a priori* das formas de expressão artística, remetendo para o funcionamento interno dos “mundos da arte” os processos que definem e legitimam o que é ou não arte.

CHIAPELLO, Eve (1998), *Artistes versus managers. Le management culturel face à la critique artiste*. Paris, Métailié.

Centrando o debate nas expressões contemporâneas do conflito clássico entre arte e gestão, o livro oferece uma visão particularmente reveladora de como na produção cultural se articulam e se compatibilizam interesses de natureza artística e económica. Partindo de um balanço histórico da crítica artística à gestão, Chiapello analisa a actualidade desta tensão a partir de estudos de caso sobre organizações de três sectores culturais distintos: uma produtora de audiovisual, quatro editoras e cinco orquestras. A análise destas organizações dá conta dos compromissos diferenciados que, no contexto da produção cultural, se estabelecem entre orientações estéticas e artísticas, por um lado, e orientações organizacionais e económicas, por outro.

CRANE, Diana (1992), *The Production of Culture. Media and Urban Arts*. Newbury Park, Londres e Nova Deli, Sage.

Crane defende uma perspectiva de análise sobre a produção cultural que assenta na tese segundo a qual a compreensão dos objectos e das formas culturais contemporâneas exige uma reflexão analítica sobre os actuais contextos da sua produção e consumo. As especificidades desses contextos reflectem-se na natureza dos objectos culturais, sejam eles as grandes produções mediáticas, os produtos das indústrias culturais mais especializadas ou as expressões do que a autora designa por "artes urbanas".

DU GAY, Paul (ed.) (1997), *Production of Culture / Cultures of Production*. Londres. Thousand Oaks e Nova Deli, Sage.

Integrada numa série editada em associação com a Open University Press que, sob a direcção de Stuart Hall, percorre as diversas etapas do "circuito cultural", esta colectânea discute as relações complexas entre cultura e economia no mundo contemporâneo. Concebida numa perspectiva marcadamente didáctica, esta colecção de textos analisa alguns dos sectores mais marcantes das indústrias culturais, como a música, a moda e a publicidade, problematizando os processos de produção de sentidos e de construção de identidades que se jogam no espaço da articulação entre o económico e o cultural.

FRITH, Simon (1996), *Performing Rites. On the Value of Popular Music*. Cambridge. Mass., Harvard University Press.

Tomando por referência o universo da música pop, Frith discute os processos de formação de sentido e de valor subjacentes a formas culturais de massas. Recusando a associação entre o carácter popular destes objectos culturais e a natureza eminentemente industrial e mercantil da sua produção, o autor defende uma análise que destaque os processos performativos inerentes à sua apropriação. Numa posição crítica perante as clássicas análises sociológicas da cultura, o autor associa a esses rituais performativos os mecanismos de produção de sentido e de constituição de valores estéticos inerentes às formas culturais populares contemporâneas.

MACDONALD, Sharon (ed.) (1998), *The Politics of Display. Museums, Science, Culture*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

Juntando contributos de sociólogos, antropólogos, historiadores e museólogos, esta colectânea discute os processos de produção e difusão de sentidos e de representações que têm lugar nos museus e nas exposições de ciência e tecnologia. Os ensaios incluídos no livro revelam como a cultura científica e tecnológica difundida por estas vias é conformada por factores de natureza política, ideológica e técnica, que interferem na produção e organização das exposições e dos museus. O livro desvenda, assim, o carácter politicamente não neutro das práticas expositivas e as negociações e disputas simbólicas subjacentes à produção da cultura pública.

MOULIN, Raymonde (1992), *L'Artiste, l'institution et le marché*. Paris, Flammarion.

Tendo por referência o universo das artes plásticas, R. Moulin propõe uma análise sobre as configurações artísticas contemporâneas. As suas especificidades são vistas à luz da crescente interdependência entre mercados (onde ocorrem as transacções) e campos culturais (lugares onde são definidas e homologadas as hierarquias de valores). A reflexão organiza-se em três partes distintas: uma primeira, incide sobre as dinâmicas dos mercados artísticos; uma segunda, sobre o modelo francês de intervenção do Estado na estruturação das carreiras artísticas e na regulação dos mercados da arte; uma terceira sobre os artistas e as suas carreiras.

PETERSON, Richard A. (1997), *Creating Country Music. Fabricating Authenticity*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

Peterson, um dos principais representantes da perspectiva organizacional norte-americana de análise das indústrias culturais, discute neste livro o processo através do qual a *country music* se constituiu como campo específico no interior do campo da música comercial, mantendo uma especificidade que se sustenta numa filosofia de *autenticidade fabricada*. Partindo de um trabalho de natureza histórica, o autor analisa os processos de

institucionalização de um campo cultural estruturado segundo uma lógica de regulação mercantil, dando particular atenção ao lugar e ao papel dos intermediários, bem como ao desenvolvimento da filosofia que sustenta a legitimidade da música *country*.

ZUKIN, Sharon (1995), *The Cultures of Cities*. Cambridge. Mass., Blackwell.

Zukin discute o papel da cultura e da produção cultural na organização das cidades e da vida urbana. A análise incide sobre o desenvolvimento de uma nova “economia simbólica” nas cidades, sobre os seus actores e a sua inscrição no espaço urbano e sobre as relações de poder que definem o estatuto volátil da arte e da cultura na economia política das cidades norte-americanas. O livro oferece preciosas pistas de interpretação acerca do modo como a produção das diversas formas de expressão cultural se articula com as dinâmicas políticas e sociais que estruturam o espaço urbano, concorrendo para a construção de uma cultura pública em permanente processo de disputa e transformação.

7 Religião

Helena Vilaça

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

A proposta aqui apresentada circunscreve-se a obras de relevo, fundamentalmente teóricas, produzidas na área da sociologia da religião, nas duas últimas décadas. A selecção pautou-se por dois critérios fundamentais: dar conta das principais questões epistemológicas indissociáveis do próprio processo de autonomização e legitimidade científica deste campo no âmbito da sociologia; sistematização dos grandes eixos e debates teóricos bem como das realidades que são ou se tornaram objecto de pesquisa. Dito de outro modo, trata-se de livros e textos de sociologia e sobre questões sociológicas – não de religião ou sobre as religiões - obras que traduzem o actual estado da arte da disciplina com o olhar debruçado no religioso enquanto fenómeno social.

BARKER, Eileen (Ed.), (1982), *New Religious Movements: a Perspective for Understanding Society*. New York, The Edwin Mellen Press.

Barker denota uma preocupação com as monografias confinadas a determinado grupo ou as generalizações mal fundamentadas. O objectivo deste livro colectivo é o de perceber em que medida o estudo dos novos movimentos religiosos contribui para um conhecimento mais profundo da sociedade e dos processos sociais em curso.

BEYER, P. (1994), *Religion and Globalization*. London, Sage.

Esta obra utiliza o exercício inverso das anteriores, introduzindo primeiro a reflexão sobre a sociedade, na perspectiva das mudanças culturais e sociais, para, depois, situar a religião no contexto da globalização. No intuito de proporcionar uma percepção abrangente e diversificada do fenómeno, Beyer recorre a cinco estudos de caso: a nova direita cristã (EUA) a teologia de libertação (América Latina), a revolução islâmica (Irão), o Sionismo religioso (Israel) e os movimentos religiosos ambientalistas.

HERVIEU-LÉGER, Danièle (1993), *La religion pour mémoire*. Paris, Les Éditions du Cerf.

Aborda as temáticas das novas formas de religiosidade nas sociedades modernas e da questão do retorno do sagrado. A proliferação e diversificação dos novos movimentos religiosos trazem a debate o fenómeno religioso e revelam a inadequação dos instrumentos teórico-metodológicos convencionais. Confrontando o “sagrado” com as concepções tradicionais de religião, Hervieu-Léger analisa a sua presença noutras instâncias da realidade social.

DOBBELAERE, Karel (1981), “Secularization: a Multi-dimensional Concept.” in *Current Sociology*, 29 (2), Número especial.

O conceito de secularização assume um lugar central na sociologia da religião. Entre os muitos trabalhos que se esforçam por sistematizar este conceito, o texto de Dobbelaere propõe que a secularização seja considerada como conceito multidimensional, estabelecendo três níveis de análise: o societal, que ele designa de *laicização* das instituições sociais; o institucional, significando a *mudança religiosa*; e o *individual*, entendido como enfraquecimento da participação religiosa.

FERNANDES, A. Teixeira (1995), “O retorno do sagrado.” in *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras, Porto*, 5, p. 199-240.

Tomando como contextualização o estado actual das sociedades ocidentais, desprovidas de “encantamento”, T. Fernandes reflecte sobre o ressurgimento do tema do sagrado. O retorno

do sagrado é visto como “expressão de libertação da subjectividade” e, do ponto de vista sociológico, considerado como um facto social de cariz ondulatório, susceptível de se metamorfosear ou de se circunscrever a domínios restritos.

MCGUIRE, Meredith (1992), *Religion: the Social Context*. Belmont, California, Wadsworth Publishing Company, 3ª Ed.

Manual introdutório que procura dar conta dos principais conceitos e perspectivas da teoria sociológica da religião. A permanente interacção entre religião e sociedade constitui uma constante ao longo dos tópicos tratados (religiosidade individual, modelos de religião oficial e não oficial, impacto da religião na mudança social).

TSCHANNEN, Olivier (1992), *Les théories de la sécularization*. Genève, Droz.

Analisando exhaustivamente toda a literatura sociológica sobre a temática da secularização, Tschannen defende que esta noção deverá ser entendida como um paradigma. Após uma incursão pela “pré-história” deste paradigma (de Comte e Spencer até Weber), num segundo passo analisa o conceito de “secularização” em três campos distintos, o da sociologia geral, o da sociologia da religião e o da teologia. Confronta ainda as perspectivas de autores contemporâneos como Berger e Luckmann, Wilson, Martin, Fenn, Dobbelaere, Parsons e Bellah.

WILLAIME, Jean-Paul (1995), *Sociologie des religions*. Paris, Presses Universitaires de France.

Em formato de bolso, afigura-se como uma obra de grande utilidade para uma introdução à sociologia da religião. Willaime percorre autores e problemáticas desde os primórdios da sociologia até ao presente, situando, em paralelo, o percurso institucional da sociologia da religião. Faculta, ainda, uma panorâmica sociológica do actual quadro religioso e esboça os contornos do debate da secularização.

WILSON, Bryan (1982), *Religion in Sociological Perspective*. New York, Oxford University Press.

Partindo de questões epistemológicas inerentes à emergência da sociologia, Wilson analisa criticamente a construção da sociologia da religião com base na conjugação dos princípios da racionalidade ocidental com conceitos herdados da teologia cristã. É um rigoroso exercício de reflexão sobre temáticas convencionais como as funções sociais da religião e o seu papel nas sociedades contemporâneas. Confere uma atenção particular às seitas e aos novos movimentos religiosos.

WILSON, Bryan (1992), *The Social Dimensions of Sectarianism*. New York, Oxford University Press.

Wilson coloca em relevo os preconceitos de carácter moral e teológico em torno das seitas, defendendo, por isso, a necessidade de redobrado rigor sociológico. A obra põe em destaque a relação que a seita estabelece com o mundo, as dimensões internas ao grupo e a particularidade dos novos movimentos religiosos. São usados como ilustração grupos como as Testemunhas de Jeová, os Moonies, ou os Cientologistas.

8 Sindiacalismo

Hermes Costa

Centro de Estudos Sociais
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Seleccionaram-se, na presente BMS, os trabalhos produzidos na última década, publicados em livro (tese) ou em número temático de revista, que deixam transparecer sinais de actualidade. A apresentação da selecção segue uma ordem cronológica e, como se reparará, não se referenciam trabalhos publicados em artigos de revista ou em capítulos de livro, editados em Portugal ou no estrangeiro, de autores como Marinús Pires de Lima, Alan Stoleroff, Mário Pinto, João Freire, Maria Luísa Cristovam, José Barreto, Luísa Oliveira, Manuel de Lucena, Reinhard Naumann, Fátima Patriarca, entre outros.

CERDEIRA, Maria da Conceição; PADILHA, Maria Edite (1988), *As Estruturas Sindicais Portuguesas — Uma Análise Evolutiva de 1933 a Abril de 1987. (3 volumes)*, Lisboa, Ministério do Emprego e da Segurança Social.

Estudo exaustivo, sociológico e historiográfico, do sindicalismo português, entre 1933 e 1987. Privilegiando uma perspectiva geográfica, organizativa e económica, e inspirando-se em autores consagrados, o estudo cobre os diferentes níveis da estrutura sindical (Confederações, Federações, Uniões e Sindicatos). É profusamente documentado (tabelas e gráficos) e oferece uma bibliografia específica.

Instituto Sindical Europeu (1988), *O Movimento Sindical em Portugal. Info. 23*. Bruxelas, Instituto Sindical Europeu.

Guia informativo e de formação sindical, editado em formato de bolso. Preparado por Augustin Martinez e Agostinho Roseta, procede a uma descrição histórica das origens do sindicalismo ao salazarismo, dando destaque às transformações posteriores a 25 de Abril de 1974. Apresenta e caracteriza as estruturas sindicais portuguesas, as negociações colectivas, as relações entre sindicatos, destes com os partidos políticos, a representação sindical portuguesa nos organismos externos e as suas filiações internacionais.

BARRETO, José Manuel T. (1991), *A Formação das Centrais Sindicais e do Sindicalismo Contemporâneo em Portugal (1968-1990)*. Tese de Doutoramento. Lisboa, ISCTE.

Referência obrigatória na área, centrada na constituição das duas centrais sindicais (CGTP e UGT). Fornece uma visão de conjunto da organização sindical dos anos 70 e 80 e analisa o contexto político, económico e social do sindicalismo. Trabalho extremamente bem fundamentado e documentado (com destaque para as entrevistas a importantes figuras da história do sindicalismo português). Das inúmeras fontes utilizadas, entre as quais se contam, por exemplo, arquivos pessoais, relatórios e publicações oficiais, informação estatística e económica, imprensa diária e semanal, imprensa partidária e bibliografia específica.

LIMA, Marinús Pires de; OLIVEIRA, José Grosso de; OLIVEIRA, Luísa; CERDEIRA, Maria da Conceição; ROSA, Maria Teresa Seródio; ALVES, Paulo Marques [orgs.] (1992), *A Acção Sindical e o Desenvolvimento*. Lisboa, Salamandra.

Obra colectiva pioneira, entre nós, no uso da metodologia tourainiana de intervenção sociológica. Incidindo sobre a região de Setúbal, o estudo detem-se sobre os vários tipos de

consciência operária patenteados na acção sindical ao nível do local de trabalho. A crise dos sindicatos é vista como sinónimo de uma mutação, institucionalização e transição do papel de actores políticos capazes de proporem projectos ao nível das políticas sociais, industriais ou de desenvolvimento.

NORONHA, Mário de; MARQUES, C. M.; PAIVA, C. V.; AFONSO, F. J. F. (1993), *Sindicalismo, Que Futuro?*. Lisboa, Clássica Editora.

Não se trata de um texto sociológico *tout court*, mas enquadrado por contributos da Sociologia da Empresa e da Psicologia Social. Recupera, no entanto, passos sobre a história do sindicalismo mundial por comparação com a realidade portuguesa e fornece alguns contributos para um debate em torno do futuro do sindicalismo, como, por exemplo, as discussões sobre a unidade do movimento sindical, a democracia sindical interna ou as principais reivindicações dos sindicatos.

RIBEIRO, Joana; LEITÃO, Nuno; GRANJO, Paulo (orgs.) (1994), *Visões do Sindicalismo: trabalhadores e dirigentes*. Lisboa, Cosmos.

Apesar da formação antropológica dos autores, o estudo baseia-se num inquérito sociológico em torno da quebra da sindicalização em Portugal. A originalidade do estudo prende-se com a preocupação em construir uma visão "a partir de baixo" que, a par da tradicional visão dos dirigentes, permite captar as opiniões e atitudes dos assalariados face aos sindicatos.

NAUMANN, Reinhard (1995), *Privatizações e Reestruturações: O Desafio para o Movimento Sindical*. Lisboa, Fundação Friedrich Ebert.

Atento à internacionalização das economias, o autor aborda a redefinição do papel dos Estados nacionais, nomeadamente face ao surgimento de estratégias de privatização de empresas públicas. Depois de rever teórica e historicamente este processo no contexto europeu, a obra debruça-se sobre a realidade portuguesa, procurando identificar alguns dos problemas centrais associados à formulação de estratégias sindicais perante as privatizações. Uma linha de força avançada por Naumann prende-se com o facto de as privatizações em Portugal, mais do que noutros países europeus, afectarem a identidade dos sindicatos e dos sindicalistas.

Revista Vértice, 68, Número Temático dedicado ao Sindicalismo (1995), "Sindicalismo — Os Novos Caminhos da Sociedade". Lisboa, Caminho.

Conjunto de reflexões e debates sobre o sindicalismo português, surgido por ocasião dos 25 anos da CGTP. É dupla a oportunidade desta publicação: permite combinar, por um lado, relatos de episódios pouco conhecidos da história das lutas operárias e sindicais, com reflexões em torno dos desafios futuros do sindicalismo; por outro lado, reúne contributos de antigos e actuais sindicalistas, bem como de dirigentes políticos e operários ou de estudiosos e investigadores universitários.

CERDEIRA, Maria da Conceição (1997), *A Evolução da Sindicalização Portuguesa de 1974 a 1995*. Lisboa, Direcção Geral das Condições de Trabalho/Ministério para a Qualificação e o Emprego.

O estudo debruça-se sobre um dos factores mais invocados nos meios académicos e profissionais para justificar a crise do sindicalismo. Preocupada em ir ao encontro dos elementos que permitam confirmar a tendência de quebra de sindicalização verificada em Portugal desde os anos 80, a autora procura mostrar que, pontualmente, em alguns sectores, não se regista qualquer declínio da representação, o que, se não permite contrariar a crise da sindicalização, impede pelo menos a sustentação de uma visão fatalista da crise de recrutamento.

ROSA, Maria Teresa Serôdio (1998), *Relações Sociais de Trabalho e Sindicalismo Operário em Setúbal*. Porto, Afrontamento.

Trata-se de uma das mais recentes e sólidas investigações sobre o sindicalismo numa região que conheceu, nos últimos anos, profundas transformações no seu tecido industrial. Além de um enquadramento teórico, em que se discute a noção de classe operária, as segmentações geradas no seu interior ou o sindicalismo no quadro das relações industriais, a obra é sustentada por uma apreciável investigação empírica: modificações operadas no distrito de Setúbal nos domínios da indústria; reprodução da força de trabalho e da actividade sindical; relações sociais

de universos empresariais seleccionados; formas de estratificação da classe operária;
sindicalismo operário em Setúbal.

9 Sociologia e Património

Paulo Peixoto

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

No seu conjunto, as obras seleccionadas revelam duas das tendências mais marcantes da Sociologia do Património. Por um lado, trata-se de uma área de investigação recente na Sociologia. Por outro lado, a questão patrimonial embora não seja específica da sociologia europeia é fundamentalmente uma preocupação dos sociólogos do velho continente. As obras aqui recenseadas permitem perceber como é que a ideia de património, que aparece na Renascença associada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade enraizada no espaço e no tempo, dá origem, nas últimas décadas do século XX, a um novo campo político, a um novo campo cultural e a um novo campo económico, suscitando o interesse crescente da Sociologia.

ANDRIEUX, Jean-Yves (1997), *Patrimoine et histoire*. Paris, Belin.

Nesta obra o autor propicia-nos uma visão histórica do património, discutindo questões que vão da sua conceptualização e codificação, às suas funções, passando pelas relações que ele mantém com os monumentos, a economia, a sociedade e com as ameaças de que é alvo. Um contributo significativo desta obra reside na sua organização, em que o texto surge acompanhado por excertos de imprensa, ou artigos científicos, ou extractos de obras de referência. Os inúmeros exemplos dados facilitam a compreensão dos argumentos e permitem, através do confronto com o passado, concluir que a paixão contemporânea pelo património continua a estar marcada por uma forte carga ideológica. As funções sociais futuras do património estão em aberto e a ameaça de instrumentalização política subsiste e é permanente.

ASHWORTH, Greg J. e LARKHAM, Peter J. [eds.] (1994), *Building a New Heritage - Tourism, Culture and Identity in the New Europe*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

Argumenta-se que o património se encontra definitivamente sujeito a uma lógica de produção e de gestão. O património é uma mercadoria moderna, resultante de um processo de selecção de elementos históricos, destinada ao consumo contemporâneo (nomeadamente à procura do turismo cultural e patrimonial). O património é também um recurso valioso das estratégias de criação e de reforço das identidades. Para a 'Nova Europa', necessitada de uma 'nova identidade', o património e a sua gestão representam um desafio no domínio da criação de novas dinâmicas económicas, e também no domínio da criação de mapas identitários que permitam ultrapassar a predominância das ideologias nacionais.

CHOAY, Françoise (2000) [1992], *A alegoria do património*. Lisboa, Edições 70.

Aquilo que nos habituámos a chamar património é uma ínfima parte do domínio patrimonial. Analisando o processo histórico que vai das origens das noções de monumento e de património históricos ao culto actualmente consagrado às heranças patrimoniais, Choay demonstra como a importância e centralidade adquiridas pelo património arquitectural e urbano estão hoje intimamente ligadas à crise da arquitectura e das cidades. Destaca quatro funções sociais que conferem ao património o seu valor actual: historicidade (que tanto pode remeter para uma visão nostálgica do passado, como para grandes narrações históricas ou acontecimentos ímpares); exemplaridade (carácter exemplar de um modelo arquitectónico ou estilo ímpar de um criador de renome); beleza (de algo que é considerado universalmente belo, ou de uma emoção estética pessoal); identidade (património nacional, ou lugares repositórios da memória).

ESPERANÇA, Eduardo Jorge (1997), *Património e comunicação - políticas e práticas culturais*. Lisboa, Vega.

Resultado da investigação efectuada no âmbito da tese de doutoramento, a obra oferece uma abordagem abrangente do campo patrimonial, particularmente das dinâmicas simbólicas e do imaginário social inerentes à construção e consolidação do campo. Privilegiando uma abordagem epistemológica, o autor limita a análise às perspectivas de observação que nomeiam, classificam e valorizam os objectos patrimonializáveis. O papel dos media na evolução do campo, o desmoronamento do Estado-providência e a importância crescente das novas tecnologias marcam a saturação e a crise do modelo clássico de patrimonialização.

FORTUNA, Carlos (1999), *Identidades, percursos, paisagens culturais*. Oeiras, Celta.

Esta obra inclui textos sobre a cidade e a cultura urbana, pondo em evidência a relação das nossas cidades com o seu património histórico e cultural. Muito deste património é utilizado como instrumento de análise das identidades, dos percursos e das paisagens de que o livro trata. Os ambientes físicos (por exemplo, ruínas arqueológicas, museus e monumentos) e sócio-afectivos (por exemplo, paisagens olfactivas e sonoras) são tratados como manifestações de uma cultura pública urbana, de expressividade, auto-reflexividade e individuação.

GARRIGÓS, Rosa Campillo (1998), *La Gestión y el gestor del patrimonio cultural*. Murcia, Editorial KR.

Realça-se o modo como a conservação do património tem vindo a tornar-se uma das prioridades de agendas governativas, de instituições internacionais e de políticas culturais e urbanas. Os seus mentores e executantes têm-se confrontado com a necessidade de afectar recursos financeiros a humanos, e com o desenvolvimento de mecanismos de gestão que permitam uma melhor conservação e divulgação dos acervos patrimoniais. Começando pela conceptualização do património, inventariando posteriormente as iniciativas e resoluções internacionais no âmbito patrimonial, a autora centra-se na relação entre património e economia para, a partir das políticas culturais, analisar questões específicas da gestão do património. Sustenta ser legítimo e judicioso considerar o património como um bem que pode produzir riqueza, e discute questões relativas ao planeamento, à gestão de projectos, à divulgação e ao controlo da gestão do património.

GREFFE, Xavier (1999), *La gestion du patrimoine culturel*. Paris, Anthropos.

Grefe opõe as correntes da economia da cultura que salientam as dimensões e os efeitos económicos do património às perspectivas que tratam o património como herança a preservar e a transmitir. Directa, ou indirectamente, através do turismo cultural, dos projectos de renovação urbana, dos mercados da arte e do artesanato, o património pode criar novas actividades económicas, rendimentos e emprego. O mérito desta obra está em discutir e propor soluções para a crise dos modos tradicionais de gestão dos bens patrimoniais (crise de gestão de recursos humanos, financeira e de identidade) sugerindo alternativas para a captação de públicos e responsabilização dos agentes das actividades patrimoniais.

JEUDY, Henry Pierre [Org.] (1990), *Patrimoines en folie*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

Esta colectânea de textos trata dos excessos decorrentes da progressiva autonomização do património face às práticas quotidianas dos indivíduos. São exemplos destes excessos: as múltiplas concepções de património; os seus vários usos ideológicos; as diversas relações que estabelece com o ambiente, a economia, o espaço, o tempo e os objectos. Perante a inflação da retórica da conservação e da sua correspondente naturalização, reinventa-se a relação do património com o tempo e surgem novos estereótipos e discursos institucionais. Quando tudo é tornado património, este surge banalizado e acentuam-se e complexificam-se as dificuldades políticas da sua gestão e dos seus significados.

NORA, Pierre [Org.] (1997), *Science et conscience du patrimoine*. Paris, Fayard.

Reúnem-se aqui os textos das comunicações ao Encontro Anual 'Entretiens du Patrimoine' (1994). Esta obra, tal como o Encontro a que se refere, celebra o trigésimo aniversário do Inventário Geral dos Monumentos', elaborado por André Chastel, e marca uma viragem na análise do património, ao privilegiar interpretações manifestamente mais políticas e decididamente abertas às ciências sociais e humanas.

PUREZA, José Manuel (1998), *O património comum da humanidade: rumo a um direito internacional da solidariedade?*. Porto, Edições Afrontamento.

Versão resumida de uma dissertação de doutoramento, discute as origens, os significados e as potencialidades do conceito de património comum da humanidade. Este novo conceito é um indicador (no domínio do direito internacional) da génese de uma comunidade internacional em que impera um sentido comunitarista. A relação política e jurídica entre património e Estado-nação é discutida sem prejuízo da capacidade de imaginar outras formas novas de regulação numa altura em que o Estado-nação deixou de ser a única unidade de referência do sistema internacional.

10 Sociologia Urbana

Luís Baptista

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Esta selecção de trabalhos que se podem vincular ao (sub)campo disciplinar da Sociologia Urbana não esgotam de modo algum as hipóteses de uma iniciação às questões tidas como próprias desta área, nem sequer esgotam as potencialidades dos autores apresentados. Tais títulos apenas correspondem a uma tentativa de cobrir extensivamente os variadíssimos modos de abordar os problemas inerentes à disciplina tendo em atenção a actualidade dos temas e a acessibilidade dos textos.

BASSAND, Michel (1997), *Métropolisation et inégalités sociales*. Presses polytechniques et universitaires romandes, Lausanne (ISBN 2-88074-370-2).

Centrado na preocupação de tentar desvendar a complexidade do processo de metropolização, o autor recorre as várias experiências de investigação, tanto localizadas empiricamente como de âmbito global, para compreender as formas que as desigualdades sociais ganham nas metrópoles actuais e os níveis de fractura ou graus de coesão que daí resultam.

COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Celta, Oeiras.

Este é o trabalho exemplar feito em Portugal. O autor centra-se na escala do bairro - Alfama - mas evita todas as tentações monográficas ou as inclinações subjectivistas. O equilíbrio na interpretação da relação exterior/interior ou a forma como não perde de vista o efeito classe social sem escamotear os quadros de interacção são de uma riqueza interpretativa pouco frequente. Toda a conclusão e a própria definição de sociedade de bairro remetem para uma discussão teórica que é essencial e que o efeito estonteante da globalização pode levar a esquecer.

FERREIRA, Vítor Matias (coordenador) (1997), *Lisboa, A Metrópole e o Rio. Centralidade e Requalificação das Frentes de Água*. Lisboa, Editorial Bizâncio.

Na mesma linha do anterior os autores deste livro traçam um panorama dos efeitos da globalização económica e da polarização social, para depois partirem para uma análise de um dos casos paradigmáticos da metropolização de Lisboa - a requalificação das frentes ribeirinhas e do porto da cidade.

FORTUNA, Carlos (coordenador) (1997), *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*. Celta, Oeiras.

Conjunto de textos que evidenciam o efeito de globalização também no domínio cultural e o reforço de novas dimensões das práticas e das representações culturais no contexto de cidades-metrópoles. Inclui textos essenciais de alguns fundadores da disciplina (Simmel, Wirth e Benjamin).

GANS, Herbert J. (1967), *The Levittowners. Ways of Life and Politics in a New Suburban Community*. Columbia University Press, New York (ISBN 0-231-05570-6 ou ISBN 0-231-05571-4).

Da vasta obra deste sociólogo e planeador destaca-se este trabalho centrado na questão (suburbana) do suburbano e que tem a particularidade de recorrer à experiência pessoal do

autor que residindo numa nova área residencial - na zona de Nova Jersey - a escolhe, não só por coincidência, como o próprio objecto de estudo sociológico.

GRAFMEYER, Y., Joseph, I. 1984), *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Editions Aubier (ISBN 2-7007-1857-7).

Agrupar os textos essenciais que dão forma à designada Escola de Chicago, referência consensual no domínio não só da Sociologia Urbana, como também da Antropologia e da Geografia Urbanas. A apresentação feita por Grafmeyer e Joseph, conhecidos sociólogos franceses, é um bom ponto de partida para esclarecer a emergência do conceito de ecologia urbana e as modalidades de investigação que lhe são associadas por estes fundadores da disciplina. Grande parte dos textos foi originalmente publicada no livro de Robert Ezra Park e Ernest W. Burgess, *The City. Suggestions for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*, The University of Chicago Press, 1925.

HISTOIRE DE LA FRANCE URBAINE - Tome 5, (1985), *La ville d'aujourd'hui. Croissance urbaine et crise du citadin*. Paris, Seuil.

Este volume reúne um conjunto interessantíssimo de textos, de autores de várias formações científicas, que, centrados na cidade contemporânea, enquanto objecto particularmente revelador das grandes transformações das últimas décadas, a procuram analisar nas suas várias configurações e realidades. A salientar os textos exemplares de Jean-Claude Chamboredon e ainda de Marcel Roncayolo. (importado por livrarias portuguesas nomeadamente a Livraria Bertrand)

LEDROUT, Raymond (1968), *Sociologie Urbaine*. Paris, P.U.F..

De todo um vasto conjunto de potenciais manuais de introdução à Sociologia Urbana, o livro de Ledrut continua a destacar-se pelo excelente equilíbrio que consegue estabelecer entre o rigor dos postulados teóricos e a apresentação das ilustrações empíricas. Acresce favoravelmente o estilo de escrita assente na acessibilidade da linguagem.

MARTINOTTI, Guido (1996), *The new social morphology of cities*. UNESCO/MOST, Discussion Paper Series, nº16 (consulta em <http://www.unesco.org/most>).

Baseado no seu livro *Metropoli. Nuova morfologia sociale della citta.*, este texto vem salientar a importância de repensar o equilíbrio entre a população e o território da cidade. Defende que a concepção habitual da cidade e os seus residentes merece ser requestionada complementarmente em termos da metrópole e os seus utilizadores. Os novos modos de vida e a importância das tecnologias de comunicação são ponto-chave desta análise.

RÉMY, Jean, VOYÉ, Lilianne (1994), *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Porto, Edições Afrontamento. (ed. original L'Harmattan, 1992).

O interesse deste trabalho reside essencialmente na tentativa de definição de situações-tipo, através das quais os autores procuram interpretar os processos ligados à urbanização e identificar concretamente as suas consequências nos campos e nas cidades.

Índice Onomástico

| | | | | | |
|------------------------------|--------|---------------------------|--------|---------------------------|--------|
| Afonso, F. J. F. | 23 | Ferreira, Vítor M. | 30 | Moulin, Raymonde | 21 |
| Almeida, João F. de..... | 4 | Fortuna, Carlos | 27, 30 | Musgrave, Alan | 7 |
| Almeida, Miguel V..... | 10 | Frith, Simon..... | 20 | Naumann, Reinhard | 24 |
| Alves, Paulo M. | 23 | Gans, Herbert J. | 30 | Nora, Pierre | 27 |
| Anderson, Michael | 17 | Gareth | 5 | Noronha, Mário De | 23 |
| Andrieux, Jean-Yves .. | 26 | Garrigós, Rosa C. | 27 | Oliveira, José G. de..... | 23 |
| Ashworth, Greg J. | 26 | Gelles, Richard J..... | 17 | Oliveira, Luísa | 23 |
| Barker, Eileen | 33 | Goldthorpe, John..... | 5 | Padilha, M. Edite..... | 23 |
| Barreto, José M.T. | 23 | Gonçalves, M. Eduarda. | 7 | Paiva, C. V. | 23 |
| Bassand, Michel..... | 30 | Grafmeyer, Y. | 30 | Pearton, R. | 14 |
| Beck, Ulrich..... | 7 | Granjo, Paulo | 24 | Petersen, James..... | 7 |
| Becker, Howard..... | 20 | Greffe, Xavier | 27 | Peterson, Richard A..... | 21 |
| Bertaux, Daniel..... | 4 | Haraway, Donna..... | 7 | Pinch, Trevor | 7 |
| Beyer, P. | 33 | Hepworth, Mike..... | 11 | Pociello, Christian..... | 15 |
| Bourdieu, Pierre ..4, 14, 20 | | Hervieu-Léger, Danièle | 33 | Pureza, José Manuel...28 | |
| Brohm, Jean-Marie | 14 | Jasanoff, Sheila | 7 | Reiss, Ira L. | 17 |
| Burawoy, Michael | 4 | Jeady, Henry Pierre | 27 | Rémy, Jean | 31 |
| Burr, Wesley R. | 17 | Jonas, Hans | 7 | Reuben, Nye..... | 17 |
| Cerdeira, M. C. | 23, 24 | Joseph, I. | 30 | Ribeiro, Joana | 24 |
| Chiapello, Eve | 20 | Kellerhals, Jean..... | 17 | Rosa, M.T. Seródio 23, 24 | |
| Choay, Françoise | 26 | Lakatos, Imre | 7 | Santos, B. Sousa..... | 8 |
| Coakley, Jay | 14 | Larkham, Peter J. | 26 | Segalen, Martine | 18 |
| Costa, A. Firmino da.... | 30 | Latour, Bruno | 8 | Shilling, Chris | 11 |
| Crane, Diana | 20 | Lazega, Emmanuel..... | 17 | Singly, François de | 18 |
| Csordas, Thomas J. | 10 | Le Breton, David..... | 11 | Stedman Jones | 5 |
| Dahrendorf, Ralf..... | 4 | Ledrut, Raymond..... | 31 | Steinmetz, Suzanne | 18 |
| Defrance, Jacques..... | 14 | Leitão, Nuno..... | 24 | Sussman, Marvin B. | 18 |
| Dobbelaere, Karel..... | 33 | Lima, Marinús P. de.... | 23 | Synnot, Anthony | 12 |
| Du Gay, Paul | 20 | Macdonald, Sharon..... | 21 | Troutot, Pierre-Yves.... | 17 |
| Dunning, Eric | 14 | Maguire, J..... | 14 | Tschannen, Olivier | 34 |
| Eder, Klaus | 4 | Marivoet, Salomé | 15 | Turner, Bryan S. | 11, 12 |
| Elias, Norbert..... | 15 | Markle, Gerald | 7 | Voyé, Lilianne..... | 31 |
| Erikson, Robert | 5 | Marques, C. M. | 23 | Willaime, Jean-Paul.... | 34 |
| Esperança, E. J. | 26 | Martinotti, Guido | 31 | Wilson, Bryan..... | 34 |
| Esping-Andersen | 5 | Martins, Hermínio..... | 8 | Woolgar, Steve | 8 |
| F. Ivan..... | 17 | Mcguire, Meredith | 33 | Wright, Erik Olin..... | 5 |
| Falk, Pasi | 10 | Merton, Robert..... | 8 | Yonnet, Paul | 15 |
| Featherstone, Mike 10, 11 | | Michel, Andrée | 17 | Zukin, Sharon..... | 21 |
| Fernandes, A. Teixeira 33 | | Morgan, David H. J..... | 18 | | |